

## A ANTROPOLOGIA POLÍTICA DE PAULO FREIRE: uma contribuição para o problema da decisão

José Luiz Nemes

Mestrando em Filosofia da Educação na  
PUCCAMP.

### 1 – INTRODUÇÃO

Que atitude tomar ? Sempre a pergunta incômoda ou angustiante que o homem sente diante de qualquer problema a solucionar. À parte o rotineiro hábito de se levantar dúvidas, não se consegue, freqüentemente, organizar de imediato os elementos e as condições para uma resposta eficaz e concreta. A situação torna-se sumamente delicada quando se trata de questões vitais com desenlace irreversível. O homem moderno está cercado de razões para inseguranças, sem coragem de se aventurar a uma decisão, porque sem lucidez suficiente. Como solução de continuidade recorre à protelação indefinida.

Reúne o homem condições para decidir ? Possui armas para se arriscar a uma ação conseqüente ? Que fatores internos e forças exteriores impossibilitam-lhe o empreendimento ? Paulo Freire crê que "a maior tragédia do homem moderno está em que hoje é dominado pela força dos mitos e comandado pela publicidade organizada, ideológica ou não, e por isso, vem renunciando cada vez mais, **sem o saber** ( grifo nosso ), à sua capacidade de decidir, vem sendo expulso da órbita das decisões."<sup>1</sup> Segundo ele, a dificuldade provém do mundo exterior, pois defende uma concepção de homem, ricamente crítica e reflexiva, dinamizadora, criadora, capaz de transcender.<sup>2</sup>

Como adequar, então, este processo de esmagamento, acomodação e ajustamento a que é submetido o homem moderno e sua capacidade inata de criação e superação ? Sobressai, aqui, o papel da educação: o homem diante dos comandos externos necessita de "uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política."<sup>3</sup> A educação é caminho, meta a decisão.

Embora Paulo Freire desenvolva sua teoria sempre dentro de uma dimensão social e política, sua proposta educacional oferece ao indivíduo, diante da escolha a fazer, subsídios que lhe possam aclarar a decisão.

Convém considerar que há, no pensamento brasileiro, dois direcionamentos para se explicar o fenômeno da decisão.<sup>4</sup>

O primeiro elabora um método baseado em elementos que trabalham de fora para dentro do homem e utiliza um instrumental que decreta a decisão humana. Contenta-se em descrever um conjunto de

determinismos de ordem psicológica na vida humana. A decisão se processa através de emergências individuais: impulsos, satisfação, interesses, desejo, utilidade, aptidões, traços biológicos, eliminação de tensão, racionalização. Invoca-se a ciência para explicar a decisão: o homem vira objeto de estudo.

O outro, coloca o homem como sujeito da decisão. O instrumental fornecido pelas ciências não determina o homem, mas repercute nele e sofre alterações. Apresenta-se altamente deficiente, mesmo quando só se põe como mero auxiliar da decisão, por algumas razões: tanto o homem como a técnica provém de culturas específicas e supõe variabilidade; dentro de sua cultura ou sociedade as aspirações individuais se diversificam, e cada pessoa tem história própria.

Este direcionamento fundamenta-se numa concepção antropológica que põe o homem como ponto de partida para explicar o mundo. Este adquire e passa a ser conhecido por causa do homem. Não pode ter sentido sem o homem. O ponto de contacto com o mundo é o corpo humano, que não pode ser reduzido a um objeto observável, como dele fazem tantas ciências.

Não basta que a antropologia centralize no homem o poder decisório. Ela corre o risco de permanecer um esquema abstrato e estático, um modelo filosófico, sem se permear da situação concreta daquele que decide. Pode desconhecer elementos específicos do momento e da sociedade histórica.

À decisão se chega por resultante dialética, no tempo, na situação, na sociedade. A preocupação em torno de uma experiência comprovada, de um espaço limitado, de um povo específico marca predominantemente a antropologia de Paulo Freire.

Em base a estas considerações proponho-me como tarefa estabelecer em que princípio norteador a antropologia política de Paulo Freire, mediada pela educação, se baseia para se posicionar como antropologia da decisão.

## 2 — A ANTROPOLOGIA DE PAULO FREIRE

O que é o homem ?

Um ser no mundo e com o mundo. Não existe homem isolado do mundo. Diante do mundo como objeto<sup>5</sup>, ele se reconhece sujeito e se percebe como consciência de algo. Porém, não há consciência antes e mundo depois, ou vice-versa. Homem e mundo se integram. O homem se define como "corpo consciente"<sup>6</sup>: a consciência não é algo vazio a ser

preenchido, nem cria o mundo, mas se defronta obrigatoriamente com ele.<sup>7</sup> Homem e mundo formam unidade dialética. Condicionam-se mutuamente como inseparáveis.<sup>8</sup> O homem estabelece relações como o mundo<sup>9</sup>, do qual recebe conteúdos. Ao mesmo tempo, o modifica.

Ao conhecer e pensar o mundo, o homem é capaz de se distanciar dele, tendo-o sempre presente. É a "ad-miração"<sup>10</sup>. Afastando-se dele, descobre que pode romper com o mundo e ultrapassá-lo. Desafiado pelo mundo, o homem decifra e reconhece que sabe pouco sobre si. Faz-se, assim, problema para si mesmo. Inconcluso<sup>11</sup>, a vocação ontológica do homem se afirma como "SER MAIS"<sup>12</sup>. É, portanto, transformador.

A transformação se opera pela práxis, que se constitui pela indissolubilidade entre ação e reflexão sobre o mundo. O homem é um ser de práxis. Esta supõe: a ação do mundo sobre o homem, a atuação consciente do homem sobre o mundo, e a reflexão sobre esta atuação. Assim, a práxis torna-se a realização da dialética entre consciência e mundo<sup>13</sup>.

Percebendo-se como ser inconcluso diante de um mundo também inacabado, a superação que o homem faz de si e a contribuição no mundo, chama-se cultura. A cultura como patrimônio adquirido se incorpora no tempo e se torna objeto da práxis humana: chama-se história. O homem é criador da cultura e elaborador da história.

No mundo e com o mundo, o homem se relaciona com outros homens. À consciência de si e do mundo, acrescenta a consciência do outro. Dois sujeitos que conhecem o mesmo mundo, criam o mundo da comunicação, que é pensar no plural. A expressão da comunicação se faz pela palavra, que se define como ação e reflexão.<sup>14</sup> A palavra fundamenta o diálogo, que se realiza no encontro de sujeitos que buscam o significado do mundo.<sup>15</sup>

### 3 – A ANTROPOLOGIA POLÍTICA DE PAULO FREIRE<sup>16</sup>

Não há homem no vazio, navegando por sobre e além do mundo. O homem vive dentro de uma situação, de uma época, com a história. A gênese do pensamento de Paulo Freire vem das condições da sociedade brasileira<sup>17</sup>, seu povo, comandada por uma elite, em que o homem simples, manipulado, domesticado e alienado, é forçado a viver como objeto, inconsciente de sua capacidade de sujeito, amortecido e esmagado pela sombra da marginalização e dependência. O povo, imerso neste processo, incapaz de decidir, tem a única tarefa de repetir e seguir prescrições<sup>18</sup>. Quadro esse, herdado de uma existência voltada para o dominador estran-

geiro, espoliada do exercício democrático, sem economia e cultura autônomas, sem mobilidade social, com índices alarmantes de analfabetismo, comandada internamente por sectários<sup>19</sup>, acrílicos e fanáticos. Caracterizam nossa realidade histórica a desumanização e a opressão. Este é o mundo do homem brasileiro: sem participação, impotente, acostumado ao paternalismo, à "generosidade"<sup>20</sup> do poderoso, mudo e alheio quanto à realidade a seu redor.

No confronto com esta situação, o homem brasileiro pode ou superá-la ou permanecer imerso no mundo criado para ele. Há diversos graus de compreensão da realidade histórico-cultural<sup>21</sup>: 1º) — A consciência intransitiva capta somente os fatos que se desenrolam à sua frente, preocupando-se exclusivamente com as formas naturais de existência. Nesta consciência grita mais alto o que há de biologicamente vital, sem outras percepções. Para ela, o fenômeno da opressão é natural e se explica magicamente por um poder superior ao homem e ao cosmos. 2º) — O homem que alarga o campo de sua preocupação além dos aspectos vegetativos do fenômeno, respondendo aos desafios ao seu redor através da causalidade existente no próprio fenômeno, adquire consciência transitiva. No primeiro momento a consciência transitiva é ingênua. A passagem da consciência intransitiva para a transitiva ingênua vem paralela às transformações no plano econômico e no processo de industrialização urbana que aumenta automaticamente os desafios. Caracteriza-se pela interpretação simplista dos problemas e por fragilidade de argumentação. Tem visão parcial da realidade. Organiza arbitrariamente os fatos. Sente a opressão que a afeta, mas não consegue penetrar suas causas mais profundas, permanecendo em explicações periféricas, às vezes, carregadas de teor emocional e polêmico. Aliada ao processo de massificação, a consciência transitiva ingênua, não conseguindo desvencilhar do que a domina, pode tornar-se fanática em sua explicação, fabricando mitos. Daí seu alto grau de irracionalidade. O homem da consciência ingênua é dominado pelo mundo como objeto, ou porque não consegue explicar a realidade que o envolve, ou porque segue prescrições que não entende. 3º) — A terceira maneira de se perceber a realidade é a transitividade crítica. Caracteriza-se pela profundidade na explicação dos problemas, baseada em princípios causais, sem preconceitos, com diálogo, preocupando-se com a totalidade da realidade. Só a consciência transitiva crítica, possibilitando a compreensão do mundo da opressão, pode transformá-lo.

Por sofrer intensa e visivelmente os efeitos da dominação, só os oprimidos estão aptos a compreender e captar a necessidade de libertação. De um lado, se ao opressor interessa manter o oprimido na imersão, sem permitir a percepção da gravidade da situação dominadora, é contra-

ditório que lute em favor do oprimido, pois ver-se-ia privado de seus privilégios. De outro, a arma do opressor é a violência: ele é o primeiro a roubar dos direitos do oprimido, impedindo-o de ser e agir como sujeito, transformando o mundo a seu redor em objeto de seu comando.

Diante da situação domesticadora, o oprimido deve estar atento para: 1º — não se tornar opressor também ele. É preciso afastar a atração e a imagem do opressor que lhe foi inoculada e que hospeda, pois a domesticação leva-o a perder a consciência do que é, chegando até a se desprezar<sup>22</sup>. Seu objetivo é aderir, identificar-se com o opressor<sup>23</sup>. O primeiro passo é se reconhecer como oprimido<sup>24</sup>; 2º — não assumir atitudes fatalistas<sup>25</sup>; 3º — expulsar o opressor de dentro de si. A agressão sobre os companheiros oprimidos é a forma patológica de agredir o opressor. Por se identificar com o opressor, não tem consciência de classe oprimida; 4º — preencher o vazio da ausência do opressor com a conquista da liberdade que exige um ato de criação, sem temer ser um homem novo<sup>26</sup> ou sofrer o recrudescimento da repressão. Sua libertação torna-se também a libertação do opressor que poderá reconhecer o que é ser mais; 5º — como o interesse do opressor é conservar o oprimido em estado de imersão, precaver-se contra a falsa generosidade e contra a absolutização da ignorância, utilizadas para manipular; 6º — perceber que a conquista da liberdade requer a transformação objetiva da situação opressora<sup>27</sup> por uma inserção crítica. A realidade, produto da ação humana, se transforma somente com empreendimento humano.

Como perceber, então, a necessidade de romper a situação opressora, se ela está de tal maneira estruturada que não permite possibilidades de saída, a não ser mancomunada com ela? O oprimido, também manipulado pela propaganda dos opressores, sente-se incapaz de superar esta situação limite.<sup>28</sup> Só uma consciência crítica consegue vislumbrar e criar formas que desembaracem o oprimido das amarras de uma ordem fortemente estruturada. O que fazer para chegar à consciência crítica?

#### 4 — A MEDIAÇÃO DA EDUCAÇÃO

A opressão na sociedade brasileira se evidencia pela proibição, imposta ao homem do povo, de participar no desenvolvimento econômico, político e cultural. Pode o homem brasileiro se libertar dessa situação? Com a própria consciência? A passagem da consciência transitiva ingênua para a transitiva crítica não se faz naturalmente. Só uma educação<sup>29</sup> que amplie a capacidade de captar os desafios da época possibilita a criticidade. O serviço da educação envolve o auxílio que ela presta ao homem na reflexão sobre sua vocação de sujeito.

A situação de opressão na sociedade brasileira tende a aumentar, por ação dos ocupantes do poder que procuram silenciar as massas

populares, travando-lhes o acesso à imersão da consciência. É próprio do opressor sectarizar-se em torno de seus interesses corporativos, gerando mais opressão.

Em momento como este, o papel introdutório da educação é preparar o homem, capaz de responsabilidade social para resistir ao pessimismo, ceticismo e pânico, pois existe uma estrutura que sugere a impossibilidade de se suplantar a situação criada. Desta forma, a preocupação primordial é subsidiar o homem brasileiro com meios, através dos quais ele possa acordar o sujeito latente em si.

As dificuldades para se levar a efeito o processo educativo estão na conformação do oprimido com a situação domesticadora: rigidez mental do homem massificado<sup>30</sup> que só acredita no que vê, ouve ou lê; a mistificação da necessidade da continuação do grupo dominante no poder; apresentação do mundo como algo já dado, pronto, estático, sequioso de ordem; o preconceito sustentado pelo opressor de que a sociedade é enferma.<sup>31</sup>

O segundo passo do processo educativo é levar o homem brasileiro à discussão de seus condicionamentos, da situação que o envolve, de como se inserir nela, conhecendo seus desafios. Por isso, a educação se define como problematização. Com esta se desmascara a realidade, ao estimular a reflexão, sempre amortecida pela propaganda opressora. A educação não oferece conteúdo algum e nem visa ao homem tornando-o objeto. Mas levanta questões, colocando-as à disposição do homem, aguçando sua capacidade de sujeito. Simplesmente faz o homem perceber como está sendo no mundo.

Em conseqüência, a educação incentiva a análise e a experiência do debate em grupo<sup>32</sup> para revitalizar as idéias no conhecimento do mundo do educando<sup>33</sup>. Desenvolve a "impaciência, a vivacidade, característica dos estados de procura, de invenção e de reivindicação."<sup>34</sup> Colabora, enfim, na organização reflexiva do pensamento de quem está envolvido por um mundo para ele e não dele, através de método ativo, dialógico e participante<sup>35</sup>.

Como instrumento, a educação é processo de conscientização. Basta ser homem, analfabeto ou letrado, para ser capaz de captar os dados da realidade. Inicialmente, o homem, como consciência reflexiva<sup>36</sup>, toma consciência de sua situação domesticada e massificada. Ao tomar consciência, dá sua explicação, que no primeiro momento é espontaneidade da consciência intransitiva: percepção que permite o conhecimento puro e simples. Há o predomínio da sensibilidade. Aí o homem é espectador, envolvido pelos fatos. Porém, por sua capacidade ontológica percebe as relações dialéticas e causas entre ele e o mundo. O aprofundamento da tomada de consciência faz-se conscientização que é a penetração cada vez mais aguda na essência do fenômeno, desvelando a realidade e a totalidade.

A conscientização: 1 – preserva no oprimido o caráter de sujeito, pois sua finalidade não é depositar nele a crença da liberdade, nem dar a “verdade” da situação; 2 – induz à práxis transformadora, pois quanto mais a consciência desvela a situação, aparecem desafios mais claros, cujo resultado é opção por uma ação. Caso não se passe à ação, há convivência com a situação, pois ninguém pode considerar-se ou decretar-se livre se as estruturas sociais continuam as mesmas lhe tolhendo a liberdade; 3 – exige, assim, compromisso histórico, inserção crítica na história, enquanto pede que os homens oprimidos em conjunto, todos sujeitos desumanizados, transformem o mundo material com o que têm; 4 – convida a uma posição utópica perante a opressão. Utopia é a denúncia da situação domesticadora e o anúncio de um projeto humanizador. São condições para a utopia o conhecimento crítico da realidade e o tempo para a transformação. A utopia se sustenta na esperança, que é a fé em algo diverso do que está acontecendo, fé em um mundo totalmente diferente, fé em um mundo renascido<sup>37</sup>; 5 – propõe a ação cultural. A educação pode ser instrumento de domesticação ou libertação. Aquele transfere conteúdos de conhecimento. Nesta, educador e oprimidos, juntos se fazem sujeitos frente ao mundo. É o mundo que oferece conteúdos de reflexão. Não há oposição entre quem sabe e quem não sabe. Cada qual sabe a seu modo. A educação não visa a transformar o estado de opressão. Neste caso, o oprimido ficaria fora da ação educativa como sujeito. Imprescindível é a ação reflexiva conjunta e permanente, pois a realidade adquire dimensão múltipla e variada. Através da práxis, a utopia, como disposição da consciência, projeta a superação da situação-limite e pensa o futuro histórico. Constrói o “inédito viável”.<sup>38</sup>

O instrumento para a conscientização é o diálogo, que, por isso, caracteriza-se como essência da problematização. De per si, o diálogo é transformação da realidade<sup>39</sup>. Exige pensar crítico, busca comum de dois sujeitos, sem imposição, manipulação, conquista ou invasão cultural.<sup>40</sup> Pede humildade, confiança e comunhão com o outro. Para o educador<sup>41</sup> popular, o diálogo não se baseia em programa definido,<sup>42</sup> e sim na investigação<sup>43</sup>: é preciso buscar no que percebe o oprimido<sup>44</sup> os elementos para o diálogo. As próprias contradições da situação concreta em que vivem os oprimidos são problemas que desafiam e exigem resposta a nível de ação e reflexão. Além disso, o diálogo deve proporcionar aos indivíduos dimensões da realidade cuja análise crítica lhes possibilite conhecer a interação das partes com a totalidade: os oprimidos são levados a perceber que a razão e a compreensão da realidade não estão fora da própria realidade.

## 5 – CONCLUSÃO: Antropologia para decisão

Porque a sua vocação ontológica é a de ser sujeito, o homem é “um ser de decisão”<sup>45</sup>. Transparência essa marcante já no momento em que a consciência, dialeticamente, se detaca do mundo e se une a ele. Tal percepção leva o homem a uma postura diante do mundo: o homem escolhe ser sujeito. No desdobramento homem-mundo, a consciência mesma esclarece a tomada de posição como sujeito por perceber que o mundo condiciona o homem e pode fazê-lo perder a condição de sujeito. Porém, tal condição nunca será perdida se o homem responder aos desafios através de uma prática transformadora. Então continua como sujeito. Se o homem deixa de ser sujeito, não decide. Algo decide por ele. Desta forma, o homem torna-se objeto, identificando-se com o mundo animal ou vegetativo.

A situação de desumanização envolve o homem brasileiro. E por que não, todo homem? Atinge o oprimido, porque marginalizado, hóspede do opressor, atraído por ele, com medo da liberdade. Determina a atividade do opressor, porque, este, proibindo que os outros o sejam, deixam de ser, firmando-se não em si como sujeito que enfrenta o mundo, mas na posse do oprimido. Discrimina o educador popular, que, entre opressor e oprimido, sente-se incompreendido em seu projeto inédito.

Na situação limite, em que se acumulam os obstáculos para a transformação, pode o oprimido tornar-se sujeito do seu pensar e do seu agir? Ou seja, pode o oprimido decidir?

Ora, o existir no mundo é ser com os outros homens. O mundo, como horizonte de percepção evidencia que o homem não se movimenta sozinho. Na relação com o mundo e com os outros homens, o homem se percebe sendo, descobre e revisiona suas perspectivas. A relação com os outros homens se mediatiza pela comunicação. A teoria freireana é um processo de interação entre a subjetividade (como sujeito, o homem), a intersubjetividade (o homem, ser com os outros homens) e a objetividade (o desvelamento do mundo). Em base a esta antropologia, a liberdade é preponderantemente atitude do homem como sujeito em virtude do sentido que empresta ao mundo, levando-se em consideração a presença de outros homens em sua órbita de relacionamento e os limites do tempo e espaço.

A decisão, pois, supõe tríplice aspecto: o homem como sujeito, a concretude em que o homem se movimenta, e o confronto dos homens entre si e com o mundo. Decide aquele que se conscientiza<sup>46</sup> da necessidade de ser sujeito de seu processo histórico, mesmo que continue esmagado pela situação opressora. Daí, tomar decisão é sempre se movimentar dentro de um mundo percebido, sabendo que ter consciência dos determinismos não basta. A avaliação do espaço e seus determinismos no mun-

do situa-se no plano da afirmação do homem e projeta-se para a ação transformadora que está no campo do realizável. Por isso, a decisão é a compreensão do que o homem pode ser diante do que é. Embora a convicção da decisão se tenha no presente, decidir-se pelo presente é tornar-se objeto.

Outro aspecto da conscientização é que ela se faz pelo diálogo. Por isso, homem algum, como ser inacabado, decide individualmente. Escolhe enquanto ser de relação com o mundo e com os outros homens. Não escolhe sozinho. Escolhe em comunhão com outros homens e condicionado pelo mundo.

Necessariamente a conscientização obriga a escolher? Pode, livremente, o oprimido deixar de ser sujeito? No momento em que pretende não ser sujeito, faz a escolha e a afirmação de ser sujeito<sup>47</sup>. A decisão, pois, não decorre de critérios fixos<sup>48</sup> para se constituir como sujeito em determinada cultura ou situação específica, nem procede de múltiplas possibilidades, mas da convicção do desejo de o ser.

#### **BIBLIOGRAFIA DE PAULO FREIRE EMPREGADA NO TRABALHO**

ACL — **Ação cultural para a liberdade**, 4ª edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, 149 pp.

CO — **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo, Cortez e Moraes, 1979. 95 pp.

EC — **Extensão ou comunicação?**, tradução de Rosica Darcy de Oliveira, 5ª edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980, 93 pp.

EPL — **Educação como Prática da Liberdade**, 11ª edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980, 150 pp.

PE — **A práxis educativa de Paulo Freire**, tradução de Mônica Mattar Oliveira, São Paulo, Edições Loyola, 1979, 148 pp.

O autor desta obra é Carlos Alberto Torres Nova. O livro é o primeiro volume da Coleção "Paulo Freire". Traz na segunda parte ( pp. 85 — 148 ) textos selecionados de Paulo Freire, publicados em revistas especializadas, entre os anos de 1969 e 1972.

PO — **Pedagogia do Oprimido**. 8ª edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980, 218 pp.

## NOTAS

- (1) EPL., p. 43. — As abreviaturas das obras sobre Paulo Freire remetem à bibliografia por extenso, p. 13.
- (2) EPL., cfr. pp. 41 — 43.
- (3) EPL., p. 88.
- (4) PIMENTA, Selma Garrido. **Orientação vocacional e decisão**; estudo crítico da situação no Brasil. São Paulo, Ed. Loyola, 1979. 133 pp. ( Cfr. pp. 19 — 62. )
- (5) “Entendemos que para o homem, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida.” ( EPL., p. 39 )
- (6) EC., p. 74; PO., p. 106
- (7) “Este ser que desta forma atua e que, necessariamente, é um ser consciência de si, um ser ‘para si’, não poderia ser, se não estivesse sendo no mundo com o qual está, como também este mundo não existiria se este ser não **estivesse**.” ( grifo do autor ) ( PO., p. 108. )
- (8) “Não há eu que se constitua sem um **não-eu**. Por sua vez, o **não-eu** constituinte do eu se constitui na constituição do **eu constituído**. Desta forma, o mundo constituinte da consciência se torna mundo da consciência, um percebido objetivo seu, ao qual se **intenciona**.” ( grifos do autor ) ( PO., p. 81 )
- (9) “O homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas **com** o mundo. Estar **com** o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é.” ( grifos do autor ) ( EPL., p. 39. )
- (10) “Admirar e objetivar um ‘não — eu’. ( ... ) Implica pôr-se em face do ‘não-eu’, curiosamente, para compreendê-lo.” ( ACL., p. 53. )
- (11) “Nunca será demasiado falar em torno dos homens como os únicos seres entre os inconclusos, capazes de ter não apenas sua própria atividade, mas a si mesmos como objeto de sua consciência, o que os distingue do animal, incapaz de se separar de sua atividade.” ( PO., p. 104. )
- (12) PO., p. 30.
- (13) “Nestas relações com o mundo, através de sua ação sobre ele, o homem se encontra marcado pelos resultados de sua própria ação. Atuando, transforma; transformando cria uma realidade, que por sua vez, ‘envolvendo-o’, condiciona sua forma de atuar”. ( EC., p. 28. )
- (14) “Ação e reflexão, de tal forma solidárias, em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em parte uma delas, se ressentem imediatamente a outra.” ( PO., p. 91 )
- “Esgotada a palavra de sua dimensão de ação, sacrificada, automaticamente, a reflexão também se transforma em palavreria, verbalismo, bla-bla-blá. ( ... ) Se, pelo contrário, se enfatiza ou exclusiviza a ação, com o sacrifício da reflexão, a palavra se converte em **ativismo** ( grifo do autor )”. ( PO., p. 92. )
- (15) “O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para **pronunciá-lo** ( grifo do autor ), não se esgotando, portanto, na relação eu — tu.” ( PO. p. 93. )
- (16) “Toda antropologia exige uma política, porque não é neutra e porque significa uma opção que se quer realizar, por sua vez a despeito ou de encontro a outras opções científicas que transmitem outras visões de mundo.” ( Citação em CO., p. 78. )
- (17) EPL., p. 46 e seguintes.
- (18) “Toda prescrição é a imposição de opção de uma consciência a outra. Daí o sentido alienador das prescrições.” ( PO., p. 34. )
- (19) “O sectário nada cria. Não respeita a opção dos outros. A todos pretende impor a sua, que não é opção, mas fanatismo. ( ... ) Põe-se diante da história como seu único fazedor.” ( EPL., p. 51. )
- (20) “Os opressores, falsamente generosos, têm necessidade, para que a sua ‘generosidade’ continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça. A

'ordem' social injusta é a fonte geradora, permanente desta 'generosidade' que se nutre da morte, do desalento e da miséria." ( PO., p. 31. )

(21) EPL., ( cfr. p. 58 e seguintes ).

(22) "A autodesvalia é outra característica dos oprimidos. Resulta da introjeção que fazem da visão que deles têm os opressores." ( PO., p. 54. )

(23) "Submetida ao condicionamento de uma cultura do êxito e do sucesso pessoal, reconhecer-se numa situação objetiva desfavorável, para uma consciência alienada é frear a própria possibilidade de êxito." ( PO., p. 184 )

(24) "Ao fazermos esta afirmação, não queremos dizer que os oprimidos, neste caso, não se saibam oprimidos." ( PO., p. 33. )

(25) "Este fatalismo alongado em docilidade, é fruto de uma situação histórica e sociológica e não um traço essencial da forma de ser do povo." ( PO., p. 52 )

(26) "A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo, não mais opressor, não mais oprimido, mas homem libertando-se." ( PO., p. 36. )

(27) "A realidade opressora, ao constituir-se como um quase mecanismo de absorção dos que nela se encontram, funciona como uma força de imersão das consciências." ( PO., p. 40. )

(28) "A consciência oprimida se analisa e descobre em si a incapacidade essencial de superar a situação-limite e se torna incapaz." ( PE., p. 101. )

(29) EPL., cfr. pp. 85 — 99.

(30) "Na verdade, o que pretendem os opressores 'é transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime,' e isto para quê, melhor adaptando-os a esta situação, melhor os domine." ( PO., p. 69. )

(31) "Como marginalizados, 'seres fora de' ou 'à margem de', a solução para eles, estaria em que fossem 'integrados', 'incorporados' à sociedade sadia de onde um dia 'partiram', renunciando, como trãnsfugas, a uma vida feliz..." ( PO., p. 69. )

(32) O círculo de cultura que substituí a o conceito de escola na primeira tentativa de alfabetização em "Projeto de Educação de Adultos", baseava-se em debates em grupos, cujo conteúdo era fornecido pelos próprios grupos. ( Cfr. EPL., p. 103. )

(33) Na experiência de Paulo Freire, a primeira fase do método implica o "levantamento do universo vocabular dos grupos com que se trabalhará." ( Cfr. EPL., p. 112. )

(34) EPL., p. 104.

(35) EPL., Cfr. p. 107.

(36) Sendo consciência de, a consciência humana é reflexiva ( no animal é reflexa, pois espelha simplesmente o mundo exterior ), capaz de se voltar sobre si mesma e de saber que percebe. O homem não só conhece mas também sabe que conhece, reconhece o conhecimento existente e conhece também o não conhecido. Além disso, reconhece que o conhecimento atual supera o conhecimento anterior e poderá ser superado por um futuro, num processo permanente e dialético. ( Cfr. PE., p. 112. )

(37) "A conscientização implica também um momento perturbador, tremendamente perturbador ( ... ), momento em que o ser começa a renascer ( grifo do autor ). Porque a conscientização exige morrer para nascer de novo." ( PE., p. 103. )

(38) PO., p. 129.

(39) O diálogo supõe a palavra, que é práxis. ( Cfr. PO., p. 91. )

(40) "A invasão cultural é a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos impondo a estes sua visão de mundo, enquanto lhes freiam a criatividade, ao inibirem sua expansão." ( PO., p. 178. )

(41) Geralmente é pessoa que de uma forma ou de outra, provém de camadas sociais dos dominadores. Num ato de solidariedade adere aos oprimidos e mantém com eles um compromisso. Só é educador quem está despojado do opressor, sem medo da liberdade. ( Cfr. PO., p. 185. )

(42) "Um dos equívocos de uma concepção ingênua do humanismo está em que, na ânsia de corporificar um modelo ideal de 'bom homem' se esquece da situação concreta, existencial, presente dos homens mesmos." ( PO. p. 99. )

(43) A investigação proporciona "a tomada de consciência dos indivíduos em torno de temas geradores". Estes são o conjunto de "idéias, concepções, esperança, dúvidas, valores, desafios" que "constituem os problemas da época". Este é o material básico para a conscientização. ( Cfr. PO., pp. 103 e 104. )

(44) "O conteúdo programático da educação é a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo, daqueles elementos que este lhe entregou de forma inestruturada." ( PO., p. 98. )

(45) EC., p. 40.

(46) Como a conscientização se dá em consequência da educação, o processo decisivo permanece uma solução de elite, pois o homem comum, do povo, não se pode beneficiar do conhecimento de uma filosofia antropológica. O que impede o homem oprimido de decidir não é a obstrução dos canais de decisão, mas o desvelamento de si como sujeito. Por que o povo "enquanto esmagado e oprimido, introjetando o opressor, não pode, sozinho, constituir a teoria de sua ação libertadora" ( PO., p. 217 ), nosso autor insiste incansavelmente na eficácia da ação educativa.

(47) Fixar o homem como sujeito é uma escolha de Paulo Freire. Em "Educação como Prática da Liberdade", à página 35, ao esclarecer o empenho educativo e a tentativa de resposta aos desafios da sociedade brasileira em transição, ele se expressa: "Desde logo, qualquer busca de resposta a estes desafios implicaria necessariamente uma **opção**; **opção** por esse ontem, que significava uma sociedade sem povo, comandada por uma 'elite' superposta a seu mundo, alienada, em que o homem simples, minimizado, e sem consciência de sua minimização, era mais 'coisa' que homem mesmo, ou **opção** pelo Amanhã. Por uma nova sociedade que sendo **sujeito** de si mesma, tivesse no **homem** e no **povo**, **sujeitos** de sua História." ( grifos todos nossos )

(48) Fixados por quem? Só por homens em comunhão ( sujeitos ) mediatizados pelo mundo.